



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)**

LARISSA SILVA MARTINS

**CONSTRUÇÕES DA IDENTIDADE NEGRA: UMA ANÁLISE DE
DOCUMENTÁRIOS INDEPENDENTES BRASILEIROS QUE TRATAM SOBRE
ESTIGMAS E SIMBOLISMOS PRESENTES NO CABELO CRESPO.**

Redenção

2020

LARISSA SILVA MARTINS

**CONSTRUÇÕES DA IDENTIDADE NEGRA: UMA ANÁLISE DE
DOCUMENTÁRIOS INDEPENDENTES BRASILEIROS QUE TRATAM SOBRE
ESTIGMAS E SIMBOLISMOS PRESENTES NO CABELO CRESPO.**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão III no Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Denise Ferreira da Costa Cruz

Redenção

2020

SUMÁRIO

1. TEMA.....	4
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	
2. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	5
3. JUSTIFICATIVA.....	8
4. OBJETIVOS.....	9
4.1 OBJETIVO GERAL	
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	
5. REVISÃO TEÓRICA.....	10
6. METODOLOGIA.....	16
6.1 TÉCNICAS DE PESQUISA	
7. CRONOGRAMA	18
8. REFERÊNCIAS.....	19

1 TEMA

Análise fílmica de material sobre construções da identidade negra através do cabelo crespo.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Construções da identidade negra: uma análise de documentários independentes brasileiros que tratam sobre estigmas e simbolismos presentes no cabelo crespo.

2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A construção da identidade, segundo Stuart Hall (2006) passa por diversas formas de caracterização, seguindo uma linha cronológica de acordo com épocas históricas e contextos socioculturais, que se desenvolveram de maneiras distintas e fluidas, mas com uma certa “universalização” no que diz respeito aos seus conceitos estabelecidos pelo autor. Para Bauman (2005), no entanto, de maneira mais generalizante e sem dividir por etapas, “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. (BAUMAN, 2005, p.19).

Não obstante, pode-se perceber que há uma discussão sociológica acerca do conceito de identidade e de como este se aplica aos mais distintos contextos sociais. Nesse sentido, faz-se oportuno apontar alguns fatores de extrema importância para se compreender os processos de construção da identidade negra, que é formulada no próprio confronto, no processo de “outrificação”, isto é, na produção do outro e das suas conseqüentes estigmatizações e estereótipos (FANON, 2008 [1963]). Por isso que, para Barbosa (2018) “A construção identitária do corpo negro, no entanto, parte muito mais da disputa do que do diálogo e da negociação.” Ou seja, o fator racismo aparece como elemento central dessa disputa no constructo da identidade negra, criando violentos conflitos internos e externos, subjetivos e concretos, físicos e mentais, diretos e indiretos.

A construção de uma identidade nos meios sociais plurais, pois, parte de vários pressupostos indissociáveis do próprio processo de sociabilização e interiorização e exteriorização de pulsões, gostos, referências, etc. Em outras palavras, é possível inferir que não há construção de identidade sem contato social, sem referências coletivas, sem o desenvolvimento de todo esse processo que Bourdieu (1980) veio a chamar de *habitus*.

Porém, na realidade social que fora construída com bases sólidas em um pensamento hegemônico eurocêntrico, essa construção da identidade não ocorreu de forma neutra, de forma amigável e reciprocamente compartilhável. Pelo contrário, se constituiu por meio de múltiplas opressões, principalmente em corpos negros, que foram inferiorizados e objetificados no processo histórico da construção do capitalismo. Portanto, tratar sobre identidade negra, como já apontado, é tratar de disputas, de formação social em constante resistência e transformação às regras sociais predominantemente brancas.

Por estas razões, Aimé Césaire surge com o conceito de negritude (DOMINGUES, 2009), de modo a romper com a questão problemática da assimilação cultural e também, por consequência, valorizar, de forma muitas vezes poética, a própria construção da identidade negra enquanto símbolo de desafio, coragem e resistência frente a um mundo construído de maneira agressiva aos múltiplos povos negros, ainda mais com a presença das mídias, consideradas como o quarto poder frente aos três poderes do Estado Democrático, na manutenção estrutural de múltiplas opressões. Por outro lado, vale ressaltar que esse processo produz um caminho duplo, já que através da própria mídia, como é o caso de mídias alternativas, torna-se possível a construção de caminhos antagônicos a esta lógica.

No contexto brasileiro, o qual esse cenário de racismo aparece de modo mais flutuante, subjetivado e, de certa maneira difundido mais de forma velada, enraizada e naturalizada do que propriamente aberta, como em contextos em que as doutrinas arianistas participaram da construção social (DAMATTA, 1981) e do constructo ideológico, é preciso uma análise mais cautelosa e estratificada, de modo a destrinchar as razões pelas quais esta maneira de racismo ainda se reproduz e através de quais mecanismos ela se fortifica.

Considerando que, sob estes pressupostos, o racismo se encontra em toda a estrutura social brasileira, as mídias, que num contexto contemporâneo se mostra cada vez mais como um importante aparelho formador de opiniões, podem ter uma participação massiva na reprodução de comportamentos preconceituosos e acabar influenciando na formação identitária dos povos negros, uma vez que interfere diretamente no cotidiano de quase toda a população global, também acabam reproduzindo essa lógica de segregação e de estabelecimento de padrões estéticos e identitários, quase sempre atados à lógica do eurocentrismo e daquilo que veio a ser conhecido como iluminismo, que pressupõe uma razão branca e universalista. Ora, tal universalismo faz com que uma única cultura se dissipe em detrimento do apagamento de outras culturas, principalmente de culturas afro, as quais se veem marginalizadas, ocupando, majoritariamente, lugares subalternos na sociedade.

Com a velocidade atual do fluxo de informações, no entanto, surgem alguns possíveis cenários com relação à situação do racismo estrutural, de modo negativo, mas também positivo. Segundo Castell (2017) a sociedade é permeada por redes de comunicação. Nesse sentido, é oportuno apontar que a internet tem sido, cada vez mais, uma rede de comunicação de vasto alcance e de alta velocidade quanto ao fluxo de dados, quaisquer que sejam.

Estes espaços virtuais, pois, podem ser utilizados como ferramenta de ativismo. Como afirmam Malta e De Oliveira (2016):

Com as novas plataformas midiáticas e o aceleramento do surgimento de novas tecnologias da informação, as formas de sociabilidade também foram modificadas e ampliadas. O que estamos acompanhando nesse século XXI e desde o final do século passado é a consolidação de uma sociedade em redes sociais onde inúmeras e variadas discussões sociais estão sendo pautadas e travadas. (MALTA; DE OLIVEIRA, 2016, p.61).

Dentro dessas discussões está o debate sobre o duplo caminho da própria rede, que dita esse novo modo de relação social entre os indivíduos. Nesse sentido Brittos e Gastaldo (2014) afirmam que a mídia no sistema capitalista funciona como mecanismo de controle e poder, ou seja, a mídia age através de meios propagandísticos que divulgam a imagem estigmatizada dos povos negros, enquanto subalternos, submissos, descartáveis ou sexualmente desejáveis, beneficiando então um *status quo* predominante e agindo também como peça fundamental do jogo de poder, executando o que chamam de autocensura, que fazem os desenvolvedores de redes sociais, por exemplo, detectarem padrões de comportamento de seus usuários e assim utilizarem técnicas de algoritmos para moldar o que os indivíduos acessam.

Por outro lado, mas ainda no contexto do racismo, sendo parte integrante da estrutura sistêmica que se formou historicamente no Brasil, com essas novas formas de relações sociais permeadas pelas mais diferentes formas de mídia, várias estratégias podem ser adotadas para que haja, no mínimo, uma redução de danos com relação a essa forma de preconceito, fundada em conjunto com o pensamento ocidental hegemônico e com o pensamento colonial (QUIJANO, 2005). Uma dessas alternativas possíveis é a produção de conteúdo independente, isto é, que não depende de financiamento do governo ou de qualquer outra instituição, sendo veiculada, geralmente, de maneira gratuita e acessível.

É partindo desse ponto, portanto, que surge a problemática central do presente trabalho, que se concentrará em investigar como alguns documentários independentes brasileiros, atuando como mídias alternativas em um contexto de constante luta e transformação das percepções acerca do modo como opera o racismo, podem integrar ou influenciar o processo de construção e valorização da identidade negra através do cabelo crespo, por este ser uma característica praticamente universal da negritude e que, justamente por isto, reúne tantos estigmas raciais.

3 JUSTIFICATIVA

A população negra do Brasil, de uma forma geral, possui poucas condições objetivas de se reconhecer dessa forma, já que muito se fala sobre democracia racial, sobre o processo histórico da mestiçagem e sobre as conseqüentes variações do preconceito racial no país, que muitas vezes é encarado como velado. Nesse cenário, a mídia ocupa um espaço fundamental para a criação de uma realidade distorcida e para a manutenção da dificuldade do conhecimento e da construção de si, enquanto sujeito ativo e integrante de uma sociedade plural. Ora, é nítida a ausência de corpos negros como referência na mídia, a não ser em papéis subalternizados ou estereotipados, como ilustram algumas telenovelas nacionais, ainda no Brasil do século XXI (GRIJÓ; SOUZA, 2012).

No modelo de sociedade atual, com o fator globalização, apesar de sua constante reconfiguração de um mesmo *status quo*, e com o fluxo de informações cada vez mais veloz, algumas possibilidades surgem para influenciar no processo de construção da identidade. As mídias alternativas, nesse cenário, podem funcionar como possível caminho de incentivo à construção identitária. Há aqui além de uma disputa de discurso, uma busca incessante pela desestruturação de um pensamento hegemônico, de uma história única, como discursou Adichie (2009), em detrimento de pensamentos plurais e valorização de culturas outras.

A partir dos anos 2010, tornou-se perceptível que o número de documentários independentes acerca da identidade negra, abordando o cabelo crespo como elemento central de marca identitária, aumentou significativamente na plataforma do Youtube, o site mais acessado para a visualização de vídeos no mundo. Hoje, na plataforma gratuita, já constam mais de cinquenta documentários independentes que abordam essa questão.

A importância do presente trabalho está centrada, portanto, na investigação desse novo mecanismo de formação dos indivíduos sociais, podendo assim descobrir a que nível de importância se estende essas produções na construção de corpos negros realmente livres e em que medida essas produções podem influenciar na mudança estrutural do pensamento coletivo. O cabelo crespo sempre foi uma das principais marcas identitárias dos corpos negros, fazendo com que seja o centro temático dessas produções audiovisuais que buscam pontuar os valores e significados que permeiam processos plurais de construção da identidade negra.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Investigar como produções audiovisuais independentes brasileiras podem atuar no processo de construção da identidade negra através do cabelo crespo.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar documentários independentes brasileiros que tratam sobre o cabelo crespo como marca identitária negra.
- Compreender processos de construção da identidade negra.
- Discutir as relações entre cabelo crespo e identidade negra.
- Mapear os estigmas raciais presentes no cabelo crespo.

5 REVISÃO TEÓRICA

O cabelo crespo tem sido utilizado, cada vez mais, como uma forma de empoderamento negro, já que evidencia uma das principais marcas do constructo identitário dos corpos negros, isto é, atuando como um símbolo da identidade negra (GOMES, 2019). Desse modo, pode-se dizer que uma das principais estigmatizações impostas ao corpo negro tem ligação às suas características físicas, principalmente no Brasil, onde o racismo foi construído historicamente através da "marca" (DAMATTA, 1987), ou seja, da pele negra e dos traços fisionômicos que seriam convencionalmente associados aos negros, de maneira generalizante e homogênea, assim como tem sido circunscrito na história de acordo com o pensamento ocidental, ancorado nas ideias da branquitude, que, nas palavras de Frankenberg (1999) atua "[...] como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo". (FRANKENBERG, 1999, pp. 70-101, Piza, 2002, pp. 59-90).

Para tanto, de modo a melhor entender tal contexto, faz-se oportuno resgatar o conceito de estigma que, segundo Goffman (1963), surgiu na cultura ocidental, quando "Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava." (GOFFMAN, 1988, p.07). Entretanto, diferentemente dos gregos, a pessoa negra não necessita explicitar algum "estigma" feito propositalmente por terceiros, a não ser simbolicamente com a construção da ideia de raça e racismo, para evidenciar algo supostamente mau.

A pessoa negra, nesse cenário, é estigmatizada por possuir qualquer traço natural que revele a sua identidade negra. Em suma, pode-se dizer então que o estigma racial se manifesta em uma marca associada às características correspondentes à raça negra, sendo estas características vistas como negativas, que inferiorizam a pessoa negra e legitimam a sua exploração e a sua marginalização social.

Com isso em mente, é possível afirmar também que um dos estigmas mais evidentes presentes no racismo se manifesta justamente no cabelo crespo, devido aos diferentes racismos que há nos diferentes contextos sociais globais. O cabelo crespo evidencia uma forte marca da pessoa negra. Fanon (1952) revela ao escrever sobre o ato de se reconhecer negro que:

“Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas, e então detonaram meu tímpano com a antropologia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros...” (FANON, 2008 [1952], pp.105-106).

Ser uma pessoa negra é estar em constante disputa, entre complexos e reflexões, entre crer em uma verdade absoluta e questionar o que dizem para não ser questionado. Ser uma pessoa negra é tentar, o tempo todo, se livrar de correntes simbólicas e também materiais, é tentar também se livrar de marcas “ínatas” atribuídas por terceiros, ou constantemente, correr de um monstro invisível que muitas vezes corre mais rápido do que o seu próprio pensamento. É também, principalmente, buscar uma afirmação através de marcas que construam e revelem a verdadeira identidade, a própria negritude como força de resistência contra o pensamento hegemônico e contra a lógica de dominação imposta pela branquitude acrítica, ainda no contexto do pensamento de Frankenberg (1999).

Sobre a questão do cabelo associado à branquitude e o que ela ocasiona nos corpos negros, principalmente de mulheres, bell hooks diz que:

"Dentro do patriarcado capitalista – o contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos –, essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa auto-estima." (HOOKS, bell, 2005, p.01).

Isto posto, é necessário explicitar também que o racismo não está somente em situações esporádicas de estigmatizações óbvias, o racismo está presente também nas entrelinhas, nas instituições, na cultura, em produções literárias e audiovisuais. Daí surge a falácia de que o racismo no Brasil, por exemplo, é um racismo velado, pois em muitas ocasiões não se manifesta de maneira flagrante, mas sim de maneira sutil, esmaecida pelos costumes e pela enraização de uma construção social que ainda carrega marcas da relação de opressão colonial. Sendo assim, torna-se cada vez mais necessário a participação dita “alternativa” em todos os meios possíveis, de modo a delinear esses possíveis caminhos de mudança.

No documentário *“E se meu cabelo falasse?”*, produzido pelas estudantes Endy Mahara e Michelle Ariany, estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no ano de 2018, foca em experiências pessoais de pessoas negras em torno do cabelo crespo, aparecendo como um dos principais estigmas raciais e, portanto, uma das principais marcas identitárias do corpo negro. As entrevistadas relatam sobre a questão do volume no cabelo, que não é bem aceito pela sociedade brasileira, ocasionando diversos estigmas, como “cabelo duro”, “pixaim” e outros nomes pejorativos e racistas. Algumas mulheres tratam também sobre a escassez de produtos para cabelo crespo, que fizeram-nas alisar o cabelo devido a falta de incentivo para um cuidado com o cabelo crespo. Por outro lado, o documentário mostra ainda que a presença negra, em si, já causa um incômodo, pois provoca uma sensação de “risco” no imaginário social desenvolvido de forma racista.

Seguindo a mesma linha de construção de *“E se meu cabelo falasse?”*, o documentário *“Deixa Solto”*, produzido pela estudante Evelin Lacerda, aborda também sobre a construção de uma identidade negra por meio de alguns depoimentos sobre transição capilar e sobre a questão dos estereótipos criados nos corpos negros e, principalmente, no cabelo de mulheres negras, sendo taxados de “ruins”, de “bombril” e outras atribuições pejorativas, bem como a disseminação de discursos violentos mais sutis, como o surgimento da ideia de que assumir o cabelo natural se tornou uma tendência socialmente aprovada após pessoas famosas assumirem seus cabelos cacheados e crespos.

“O Lado de Cima da Cabeça”, outro documentário, produzido por Naira Soares, Andréza Benevides, Evandro J. Santos e Vilmária Santos, retrata, através de uma perspectiva diferente daquela mais generalizante dos outros documentários citados, que abordam a construção identitária como um processo ligado apenas à raça, a questão problemática do cabelo crespo e cacheado diretamente ligados ao gênero masculino, uma vez que uma mulher “feminina” deve ter o cabelo liso ou ondulado. É claro que o cabelo crespo é estigmatizado independentemente do gênero, mas no corpo da mulher negra, que sofre diversos tipos de abusos ocasionados e legitimados pela estrutura patriarcal, além de racista, do capitalismo, os ataques são ainda mais danosos. Partindo dessa perspectiva, é preciso ter em mente a necessidade de se pensar interseccionalmente, como sugere Crenshaw (2004), pois o corpo da mulher negra é ainda mais estigmatizado e explorado, começando justamente pelo cabelo associado à perda de feminilidade.

A relação de embate entre a ideia dominante e hegemônica da branquitude e os corpos negros e seus cabelos crespos, produzindo múltiplos estigmas estabelecidos a estes corpos, como também as implicações mais profundas que este embate traz à sociedade, tal como a exploração dos corpos femininos negros, é destacada também no documentário “*O Teu Cabelo Não Nega*”, produzido por Gabriela Rocha, no ano de 2017, que expõe, entre outras importantes questões sobre estigmas raciais, a sexualização do corpo feminino através dos próprios cabelos alisados, que trazem a ideia de feminilidade.

Outras importantes produções fílmicas que traduzem este pensamento, mas por perspectivas mais subjetivas e artísticas, devem ser destacadas, tais como “*Meu Cabelo é Resistência*”, documentário produzido pelos estudantes Gabriel Filipe e Naiara Trabach, no ano de 2019 e “*Kbela*”, produção de Monique Rocco, Erika Cândido e Yasmin Thayná, de 2015, que mostram além de recursos imagéticos, como uma paleta de cores mais poéticas e artísticas, como também a música, a dança e a poesia em si como importantes aliadas ao processo de reconhecimento identitário. Barbosa (2018) ao tratar sobre “*Kbela*” diz que “Passar pela transição capilar - deixar de alisar os cabelos e retornar ao cabelo natural – é, então, um ato político que representa o desprendimento das articulações históricas da branquitude.” (BARBOSA, 2018, p.02). É exatamente esta a questão central destas produções fílmicas que viram, no cabelo crespo, questões que vão além do próprio cabelo, que é um dos estigmas mais evidentes impostos e fabricados pela lógica da branquitude. O cabelo crespo, nesse contexto, é um ponto crucial que revela uma cadeia de preconceitos estabelecidos dentro de um sistema-mundo racista e sexista (GONZÁLEZ, 1984).

Nesse sentido, a produção audiovisual focada nessa construção da identidade negra e detalhamento das nuances que envolvem os corpos negros masculinos e femininos a partir dos estigmas impostos com relação ao cabelo crespo, como visto nas percepções que podem ser absorvidas a partir da análise desses filmes citados, pode ser uma importante ferramenta de estímulo para que mais pessoas negras possam se reconhecer enquanto tal e valorizar os seus traços que, até os dias atuais, são vistos como marcas negativas, na medida em que são utilizados pejorativamente em atitudes racistas, ou seja, fora de um padrão eurocentrado, enraizado no imaginário coletivo.

Uma via de mudança facilmente observável, nas referidas produções, e totalmente aplicável às múltiplas realidades dos povos negros, é justamente a construção da arte, da poesia. As artes podem auxiliar na construção e aceitação da identidade negra, através da

poesia e de outras expressões artísticas. Em “*Kbela*”, por exemplo, como já fora citado, várias cenas de alisamento, entre outras mostrando corpos negros em movimento e também o corpo de um homem negro sendo pintado de branco, se torna nítido que através de um processo artístico, mesmo sem depoimentos, que também são impactantes, a mensagem consegue ser transmitida com maestria e, com o cabelo e a pele sempre em foco, é reforçada, ainda, a questão do estigma de marca e ressaltada, conseqüentemente, a importância do cabelo crespo para a formação e valorização da identidade negra.

A representatividade nas mídias alternativas pode ser também um importante começo para a ocupação dos espaços por pessoas negras e a conseqüente mudança estrutural de um sistema construído com bases concretas na questão racial. Portanto, tal representatividade pode ser imprescindível na medida em que resiste à história hegemônica branca, que se sustenta na lógica da branquitude cujo estabelecimento deu-se através do colonialismo, culminando na sua versão global com o capitalismo, que continua a impor padrões eurocêntricos ou a ditar “modas”, cooptando lutas legítimas através de meios propagandísticos, como em alguns comerciais de produtos para cabelo crespo, tratando uma importante marca identitária negra como moda.

Ao tratar sobre o significado e a carga que têm o cabelo crespo nas características objetivas e subjetivas dos corpos negros, Gomes (2019) aponta que “O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito.” (GOMES, 2019, p.03). Sendo assim, é possível inferir que o cabelo crespo reúne, de fato, estigmas que simbolizam o que há de mais danoso no preconceito racial, na produção de desigualdades onde há diferenças daquilo que é bem visto e bem quisto como um padrão ideal de beleza, de limpeza, de agradabilidade e aceitabilidade nos mais diversos processos e camadas sociais.

Isto posto, é necessário dar mais destaque à produção de um padrão de beleza eurocêntrico no Brasil, que produz constrangimento e afastamento de pessoas negras por não se adequarem a estes padrões pré-estabelecidos. A isso, Cruz (2017) diz que há uma “assimetria existente entre a beleza branca eurocêntrica, considerada ideal e a beleza negra exotizada, considerada selvagem.” (CRUZ, 2017, p.32) Tais rótulos partem de um mesmo pressuposto colonial da criação de binarismos, na hierarquização social com o elemento raça como central nesse processo.

É justamente por essas razões que o cabelo é um traço identitário tão importante para o processo de construção, aceitação e valorização da negritude e consequente superação da branquitude, não no sentido de uma substituição de dominação, o que configuraria uma ação sectária e portanto contrária ao verdadeiro significado da luta, mas sim como uma transição sistêmica que reestruture as organizações sociais, traçando possíveis caminhos para a emancipação humana, através da quebra da lógica do racismo e também do sexismo. É importante enxergar, pois, que isto é algo que é retratado, nas referidas produções audiovisuais, por pessoas que sofreram do mesmo processo de alisamento e de dificuldades no processo de transição capilar, quando finalmente viram a potencialidade política que existe nos cabelos crespos, ou nos “cabelos de negro” como pregam indivíduos sociais construídos com base no senso comum que, por sua vez, fora desenhado de maneira racista, ainda carregando os fardos coloniais.

6 METODOLOGIA

Visando exercer de modo satisfatório todos os objetivos da presente pesquisa, a metodologia a ser utilizada será a qualitativa, uma vez que, segundo Flick (2008) “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido a pluralização das esferas da vida” (FLICK, 2008, p.01). Sendo assim, é possível perceber que a análise qualitativa oferece possibilidades para que haja um reconhecimento de diferentes perspectivas e motivações pelas quais se engendram fenômenos sociais.

Será realizada, então, a análise de seis documentários independentes produzidos no Brasil, disponíveis no *Youtube* de forma gratuita, que tratam sobre processos de construção da identidade negra, tendo como elemento central o cabelo, abordando através de diferentes perspectivas uma mesma temática. Com base em esmiuçada pesquisa, visando compreender através de diferentes abordagens a relação entre cabelo crespo e identidade negra, os documentários selecionados para trabalhar a referida questão foram “*E se meu cabelo falasse?*”, produzido pelas estudantes Endy Mahara e Michelle Ariany, estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no ano de 2018; “*Deixa Solto*”, produzido pela estudante Evelin Lacerda, em 2015; “*O Lado de Cima da Cabeça*”, produzido por Naira Soares, Andréza Benevides, Evandro J. Santos e Vilmária Santos, de 2014; “*O Teu Cabelo Não Nega*”, produzido por Gabriela Rocha, no ano de 2017; “*Meu Cabelo é Resistência*”, documentário produzido pelos estudantes Gabriel Filipe e Naiara Trabach, no ano de 2019 e “*Kbela*”, produção de Monique Rocco, Erika Cândido e Yasmin Thayná, de 2015.

Será possível, pois, com a utilização do método qualitativo, realizar uma análise de conteúdo dessas produções fílmicas, a fim de compreender diferentes contextos de construção da identidade negra através de múltiplas relações com o cabelo crespo. Tal processo pode possibilitar a obtenção de resultados que auxiliem nos objetivos da presente pesquisa. É justamente nesse contexto que a metodologia de pesquisa qualitativa se mostra oportuna, pois nas relações sociais há muitos pormenores que necessitam de detalhada investigação para que seja ao menos parcialmente assimilada e compreendida, pois como afirma Godoy (1995) “[...] a abordagem qualitativa, por meio de seus diferentes subtipos de pesquisa [...], tem lugar assegurado como uma forma viável e promissora de trabalhar em ciências sociais.” (GODOY, 1995, p. 63).

6.1 TÉCNICAS DE PESQUISA

As técnicas utilizadas na presente pesquisa serão a bibliográfica e a documental, pois a reflexão se dará através da análise crítica de documentários ligado a um referencial teórico que trate do assunto escolhido. Para Lima e Miotto “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório.” (LIMA; MIOTTO, 2007, p.38). Ou seja, a pesquisa bibliográfica funcionará como complementação da análise dos documentários, sendo diretamente ligada ao assunto delimitado, provocando diálogos entre as técnicas, de maneira que sejam ampliadas as visões sobre o mesmo assunto abordado.

Para a análise documental de filmes, Pinheiro, Kakehashi e Angelo (2005) afirmam que “O vídeo (filmagem) é indicado para estudo de ações humanas complexas difíceis de serem integralmente captadas e descritas por um único observador” (PINHEIRO; KAKEHASHI; ANGELO, 2005, pp. 717-718). Não obstante, é preciso atentar para as diferentes perspectivas e abordagens, que variam muito de acordo com a linguagem utilizada, mas também dentro da mesma linguagem, de modo a compreender relações sociais específicas.

7 CRONOGRAMA

ATIVIDADE	PERIODO			
	OUT	NOV	DEZ	JAN
REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA	X			
COLETA DO MATERIAL UTILIZADO PARA A PESQUISA		X		
ANÁLISE DO MATERIAL E ELABORAÇÃO DA ESCRITA			X	
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E REVISÃO				X

8 REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. **Tradução de Eri a Barbosa.** Original disponível em:http://www.ted.com/tals/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. Tradução disponível em: <http://www.google.pt/url>, 2009.
- BARBOSA, Larah Camargo. A construção identitária da mulher negra em “Kbela”.
- BAUMAN, Zygmunt. **identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** Zahar, 2005.
- BRITTOS, Valério C.; GASTALDO, Édison. Mídia, poder e controle social. **Revista de Comunicação, Cultura e Política ALCEU**, v. 7, n. 13, p. 121-133, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Zahar, 2017.
- CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem**, p. 7-16, 2004.
- CRUZ, Denise Ferreira da Costa. Que leveza busca Vanda?: ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique. 2017.
- DA DAMATTA, Roberto. Relativizando uma introdução à antropologia social. **Digressão: A fábula das três raças, ou o problema do Racismo à Brasileira**, 1981.
- DA SILVA, Ana Célia. Branqueamento e branquitude: conceitos básicos na formação para a alteridade. **Memória e formação de professores**, p. 87-101, 2007.
- DOMINGUES, Petrônio José. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **África**, n. 24-26, p. 193-210, 2009.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** SciELO-EDUFBA, 2008.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3.** Artmed editora, 2008.
- FRANKENBERG, R. **Race, sex and Intimacy I: Mapping a discourse.** Minneapolis: University of Minnesota. 1999.
- GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. **Tradução: Mathias Lambert**, v. 4, 1988.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Autêntica Editora, 2019.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUSA, Adam Henrique Freire. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. **Estudos em Comunicação**, v. 11, p. 185-204, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

LIMA, Telma CS; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. 1, p. 37-45, 2007.

MALTA, Renata Barreto; DE OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. **Revista Gênero**, v. 16, n. 2, 2016.

PINHEIRO, Eliana Moreira; KAKEHASHI, Tereza Yoshiko; ANGELO, Margareth. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, n. 5, p. 717-722, 2005.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, p. 59-90, 2002.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires. Ed: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. 2006.

Deixa solto. Produção de Evelin Lacerda. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sCmRL8ILW4g>

E se meu cabelo falasse?. Produção de Endy Mahara e Michelle Ariany. Natal: UFRN. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_o8feq12Bkc

KBELA. Direção de Yasmin Thayná. Produção de Talita Arruda. Roteiro de Ana Paula Mansur. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LGNIn5v-3cE>

Meu cabelo é resistência. Direção e produção de Gabriel Filipe. Linhares. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U6JdqgDcfqg>

O Lado de cima da cabeça. Direção e roteiro de Náira Soares. Produção de Andrêza Benevides, Evandro J. Santos e Vilmaria Santos. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1RFvuA0cu60>

O Teu cabelo não nega. Direção e produção de Gabriela Rocha. 2017. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=wg6cjQICV4s>